

Emma, de Jane Austen: O casamento ideal na sociedade inglesa dos séculos XVIII/XIX

Ivie Batista Pizolli¹

Fellipe Fernandes Cavallero da Silva²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal expor e discutir a questão do que chamaremos de “casamento ideal” entre os séculos XVIII e XIX, período em que esteve em vigor o movimento literário chamado Romantismo, embora existam outras frentes nas quais o Romantismo exerceu forte influência, como nos campos das artes visuais, no campo filosófico e até mesmo educacional. Dentro deste movimento, destacamos a romancista Jane Austen, apresentando um pouco sobre sua biografia, principais obras, e o enredo de uma destas obras intitulado *Emma*, onde o tema foco da nossa discussão se faz fortemente presente. O romance nos traz, ainda, atrelado à questão do casamento, a vaidade como um potencial causador de desastres na vida das pessoas quando aplicado de maneira incorreta, como veremos através da personagem principal, cujo nome dá o título à obra.

Palavras-chave: Literatura inglesa. Romantismo. Jane Austen. Emma.

1 – INTRODUÇÃO

A Literatura, por si só, é uma das formas artísticas de representação da sociedade e dos eventos que dela fazem parte. Ela sempre nos mostrou, de formas variadas, incluindo textos escritos em pedras ainda no início dos tempos, como vivíamos e nossa visão de sociedade. Com o passar dos tempos, conforme o próprio ser humano foi evoluindo, a Literatura foi tomando novas formas até chegar no que hoje vemos em forma de belos livros, em especial os impressos em papel, uma vez

¹ Aluna de graduação do curso de Letras – Inglês, da Universidade Estácio de Sá.

² Professor Orientador da Universidade Estácio de Sá.

que hoje também já podemos encontrar livros na forma digital, sendo possível a leitura em computadores ou leitores já criados para essa finalidade.

Estudar Literatura é também estudar História. Sabemos que a maioria dos movimentos culturais que foram surgindo no decorrer dos séculos nos apresentaram obras que nos mostram a realidade da sociedade naquele momento, assim como também críticas à determinados costumes da época, a maioria advinda de tempos mais antigos, é claro. É então que chama a atenção as obras da escritora Jane Austen, surgida em um desses movimentos culturais, o Romantismo.

O presente estudo visa nos mostrar o que foi esse movimento chamado Romantismo, e discutir, dentro deste, a forma como era vista a mulher nos séculos XVIII e XIX, período em que o romantismo esteve presente na Literatura.

Apesar das sutis críticas à sociedade de então, uma vez que o casamento parece ser o canal natural pelo qual a mulher ascende na sociedade, e não era considerado viável entre homens e mulheres de classes sociais diferentes, as obras de Jane Austen mostram mulheres bem informadas, com acesso ao estudo das artes, como pintura, bordado, leitura, música etc. E não deixam de conter uma certa dose de contos de fadas (à exemplo da obra que pretendemos analisar), o que faz das obras desta autora uma forma de sonhar com o homem ideal, o casamento perfeito, dentro do que existia na época.

Para o desenvolvimento da discussão proposta, foi utilizado apenas consulta à literatura sobre o Romantismo, biografia da autora, assim como algumas páginas na internet, mencionadas nas referências bibliográficas. Vale acrescentar que existe uma filmografia³ baseada no livro de Jane Austen que ajuda muito a agregar conteúdo a este trabalho.

Emma é, então, o ponto de partida para a visão que se encontra da mulher dentro das obras de Jane Austen. É nesta obra que, além do encanto pela história em si, encontramos um exemplo clássico da questão do casamento ideal nos séculos mencionados acima. Muito importante também salientar que se trata da sociedade inglesa, visto que a história se passa no interior da Inglaterra. Ou seja, o foco se dá apenas dentro deste círculo.

³ Lançado em 1996, o filme “Emma”, escrito e dirigido por Douglas McGrath.

O primeiro tópico a ser apresentado vem a seguir, no item de número 2 deste artigo – o Romantismo –, que nos conta um pouco da história deste movimento, ocorrido entre os séculos XVIII e XIX, situando a autora dentro contexto histórico. Assim, partiremos para o item de número 2.1, onde há uma breve biografia da escritora Jane Austen, uma das escritoras mais notórias deste movimento. Em seguida, temos o item de número 3, onde falaremos sobre a obra *Emma*, foco do nosso estudo, onde os itens 3.1 e 3.2 tratam, respectivamente, dos personagens e do enredo. O item 3.3 contém a discussão à que este artigo se propõe a fazer, expondo as principais ideias do livro, de acordo com o estilo da autora, trazendo algumas rápidas comparações ao mundo atual, no que diz respeito à visão da mulher, especialmente com relação ao casamento. O item de número 4 traz as considerações finais, conclusão a que se chegou com base no que foi apresentado no enredo e na discussão do tema (itens 3.2 e 3.3, respectivamente). E, finalmente, no item de número 5, são apresentadas as fontes utilizadas para pesquisa e consequente escrita do artigo (Referências Bibliográficas).

2 – ERA UMA VEZ UM CERTO ROMANTISMO...

O Romantismo foi um movimento cultural ocorrido ao longo dos séculos XVIII e XIX, não somente na Inglaterra, mas em toda a Europa e nas Américas, advindo do fim das monarquias absolutistas e o crescimento do capitalismo, sofrendo influência da Revolução Francesa, com seus ideais de igualdade, liberdade e fraternidade. Com isso, trouxe a ideia do início de uma nova era, onde os costumes e tradições antigos, uma vez não existentes, tornava tudo possível.

O Romantismo na Inglaterra, que é objeto do nosso estudo, teve início com a publicação de *Lyrical Ballads*, em 1798, de William Wordsworth (1770-1850) e Samuel Taylor Coleridge (1772-1834). Nesta obra, há uma identificação com as classes mais simples, onde o artista romântico também sofre com as transformações que ocorriam na época. Convém destacar também a obra *Pamela*, do inglês Samuel Richardson, de 1740, que conta a história de uma serviçal que ascende socialmente. Esta obra é considerada um precursor do romance de costumes, um gênero que se “afastava um

pouco dos excessos de emoções e laivos de fantasia comuns ao romantismo” (*O Livro da Literatura*, Editora Globo, 2016, página 118). Neste tipo de romance, o destaque ficava para as crenças, modos e estruturas sociais de determinado grupo de pessoas.

O Romantismo, de maneira geral, se manifestou de forma mais clara nas artes visuais, na literatura e na música. Porém, também impactou na educação, nas ciências naturais e nas ciências sociais. Em *Lyrical Ballads*, para Wordsworth, a classe camponesa representava a expressão daquele que era mais próximo da natureza, com seu folclore, misticismo e Deus, o que abria mais espaço para a imaginação. Enquanto isso, para Coleridge, há um retorno ao mundo mágico do passado, também dotado de imaginação e mistério.

Assim, podemos citar como principais características do movimento⁴:

- A redescoberta e exaltação das belezas da natureza;
- A ênfase na emoção em detrimento da razão;
- O interesse na vida e nas pessoas do campo;
- O resgate do passado, seja pela atmosfera de mistério ou pelos temas heroicos da história do país.

Outros autores que podemos exemplificar desse movimento são: William Blake, Lord Byron, John Keats e Percy Bysshe Shelley. William Blake, por exemplo, escreveu um poema chamado *The Little Black Boy*, onde dá voz à uma criança escrava, mostrando sua inconformidade com as classes menos favorecidas. Os demais autores citados também surgem com ideias de infelicidade, morte, apreciação das belezas naturais etc.

O Romantismo foi o movimento de maior alcance e permanência de todos os demais após o término da Idade Média. Além de considerar o passado a época ideal, os românticos terminam por idealizar um futuro, digamos, fantasioso, ou utópico, para fugir da situação em que se encontravam. Em outras palavras, buscavam fugir da realidade da sociedade da época. E tudo isso através da celebração do amor. Até mesmo em situações que pareciam focar no horror, como *Frankenstein*, de Mary

⁴ Características extraídas do livro *Literatura Inglesa para Brasileiros*, página 199.

Shelley (publicada em primeira instância em 1818 sem créditos para a autora; a terceira edição é a considerada definitiva, publicada em 1831), o que movia essas paixões normalmente era o relacionamento entre duas pessoas, consequentemente, o amor.

2.1 – Jane Austen

A escritora Jane Austen nasceu no dia 16 de dezembro do ano de 1775, em Steventon, Hampshire, zona rural da Inglaterra. Sendo filha de um reverendo, vivia inserida num grupo social de aristocratas. Ainda muito jovem, aos sete anos de idade, foi para um internato junto da irmã, Cassandra.

O talento de Austen surgiu cedo, e escreveu sua primeira obra, “Lady Susan”, aos dezessete anos. E, ainda cedo, ela já tinha uma visão mais aguçada das coisas, já escrevia pequenos textos fazendo sátiras e comentários críticos com bom humor. Por volta de seus vinte e dois anos, já havia escrito duas lindas obras, “Orgulho e Preconceito” e “Razão e Sensibilidade”, que foram recusados por editoras, à princípio, mas publicados anos mais tarde, ainda com pseudônimo de “Uma Senhora”.

Suas obras, basicamente, tratavam do cotidiano de pessoas comuns, porém com uma certa dose de ironia, de forma bastante sutil, sobre a sociedade, de um modo geral, mas mantendo suas narrativas leves. A escritora tinha muito talento também para escrever sátiras, baseadas em obras de outros escritores da época.

Jane Austen não se casou, tendo desistido de um noivado no dia seguinte ao pedido, talvez sendo já uma característica de uma mulher à frente de seu tempo. Ela acreditava, inclusive, que era perfeitamente possível amar mais de uma pessoa na vida. Mas tinha um forte apego aos seus sobrinhos, sendo uma tia muito presente e carinhosa, além de uma excelente contadora de histórias. Cassandra, sua irmã, passou a ser sua melhor amiga, mas ela também escrevia muitas cartas à dois de seus irmãos que se tornaram marinheiros e passavam boa parte do tempo longe de casa. Como muitas dessas cartas foram perdidas, e naquele tempo boa parte da comunicação era feita através delas, há um período da vida de Jane Austen que não se conhece muito bem. Sabe-se, ainda, que teve um irmão, chamado George, que

tinha transtornos mentais e foi enviado para a casa de outra família. Na época, havia muitos estudos sobre esses transtornos e existiam os chamados “manicômios”, mas, aparentemente, a família salvou o menino deste triste destino.

É de suma importância acrescentar que, como mencionado no item 2 deste artigo, Jane Austen viveu no período da Revolução Francesa. Nesta época, conviveu por um bom tempo com sua prima, Eliza Hancock, cujo esposo, francês, acabou morto na guilhotina. Essa prima exerceu grande influência sobre Jane. Ela era filha de sua tia Phila, que fugira com duas amigas num navio rumo às Índias Orientais para tentar encontrar alguém para se casarem. Sua tia acabou por falecer de câncer, e Eliza acabou passando tanto tempo em Steventon, lar da família Austen, também para fugir dos horrores que ocorriam na França, e que ameaçavam a Inglaterra.

Eliza, à princípio, era uma moça que tinha a mente um pouco mais aberta à questão do casamento, embora tenha se casado. Mas ela tendia um pouco à rebeldia, sustentando que a mulher poderia perfeitamente ter condições de fazer as coisas por si só, sem depender de um marido. E, por fim, ela acabou numa vida difícil, teve um filho que tinha transtornos mentais e perdeu o marido na revolução. Jane, que já tinha seu espírito um pouco mais agitado e rebelde, ainda era uma adolescente nesta época, de forma que adquiriu certa admiração pela prima.

Ela ainda escreveu as obras “Mansfield Park”, “Emma”, em 1814 e 1815, respectivamente. “Lady Susan”, sua primeira obra, foi publicada somente em 1871, mais de 50 anos após sua morte.

O livro da biógrafa Paula Byrne, “A Verdadeira Jane Austen: Uma Biografia Íntima”, é bastante abrangente sobre a vida de Jane Austen. Muito bem escrito e com muita pesquisa envolvida, ele retrata com bastante clareza diversos momentos importantes da vida de Austen. A riqueza de detalhes daquilo que se sabe da autora ajuda a entender um pouco mais a mente desta extraordinária autora que, como Mozart, parece ter sido uma criança prodígio.

Um fato que também nos ajuda a entender a personalidade de Jane Austen, conforme também informado no livro de Paula Byrne, é que Jane tinha admiração por duas outras escritoras de sua época, Fanny Burney (que geralmente criava suas heroínas feias ou deficientes, e os finais de suas histórias eram sempre incertos) e Maria Edgeworth (com heroínas feministas e uniões inter-raciais).

Austen faleceu ainda jovem, aos 41 anos, em 18 de julho de 1817, Winchester, Inglaterra, onde buscava uma cura para sua doença, que foi considerada e divulgada por vários biógrafos como a doença de Addison. Porém, alguns estudos mais recentes indicam que Jane pode ter sido envenenada acidentalmente por arsênico, um material possivelmente encontrado em pares de óculos guardados em gavetas de uma escrivaninha que hoje está na British Library. Este fato pode ser perfeitamente aceitável, visto que em suas cartas para a irmã Cassandra nos últimos anos de vida, ela relata uma piora em sua visão. Alguns cientistas sugerem que ela pode ter tido uma catarata, talvez causada por algum metal pesado, então, surgiu a hipótese do arsênico, que podia ser encontrado em medicações, água e até mesmo papéis de parede.

O artigo da revista Galileu (que nos fala sobre alguns estudos a respeito da morte de Jane Austen, motivo pelo qual foi mencionado neste estudo) apenas define a autora de uma forma que pudemos perceber (especialmente através do livro de Paula Byrne), ser equivocada. O artigo inicia dizendo que ela foi uma pacata escritora do interior da Inglaterra. Pela leitura da biografia de Jane Austen é possível constatar que, embora ela seja nascida de fato no interior da Inglaterra, não viveu uma vida assim tão pacata. Jane nunca viajou para fora do país devido à guerra, mas tinha bastante conhecimento de diversas cidades onde esteve, o que ela aproveitava também para utilizar em suas obras.

3 – EMMA

3.1 – Dos personagens

Podemos considerar os personagens abaixo os principais da trama. Alguns não foram mencionados por terem a participação muito pequena, e não são mencionados no enredo descrito neste estudo.

Emma Woodhouse, a protagonista da história, seguida de Isabella, sua irmã, casada com John Knightley, da propriedade vizinha, Donwell Abbey. Temos a Srta.

Taylor, que era governanta na residência de Emma, e que se casa com o Sr. Weston logo no início da história. Temos também o pai de Emma, o Sr. Woodhouse, e o Sr. Knightley, irmão mais velho de John Knightley.

Sr. Philip Elton, que é o pastor da paróquia local, as senhoras Bates (mãe e filha), Sra. Goddard (proprietária de um internato), Harriet Smith (uma das alunas da Sra. Goddard que, em princípio, se torna amiga de Emma, Robert Martin, proprietário de uma fazenda chamada Abbey Mill, Jane Fairfax (sobrinha da Srta. Bates), Sr. Frank Churchill, que é filho do Sr. Weston, mas fora criado pelos tios, de sobrenome Churchill, em uma propriedade de nome Enscombe e a Srta. Augusta Hawkins, que vem a se casar com o Sr. Elton, vinda de Maple Grove.

3.2 – O enredo

Emma é uma jovem muito bonita, inteligente e de família abastada, que vive numa propriedade do interior da Inglaterra chamada Hartfield com o pai viúvo. Naquele tempo, era comum que propriedades rurais grandes tivessem nomes próprios. Hartfield ficava num vilarejo chamado Highbury.

Por ser a caçula de duas irmãs e Isabella, sua irmã, ter se casado, Emma passou a ser como a senhora da casa, talvez um tanto mimada, pois nunca em sua vida se encontrou numa situação de necessidade, perigo ou qualquer outra coisa que representasse uma ameaça ao seu conforto. Ela tinha sua governanta, a Srta. Taylor, que ficou tantos anos em sua casa que acabaram por se tornar grandes amigas. É é diante do casamento da Srta. Taylor com o Sr. Weston, que Emma, cheia de convicções sobre si mesma e seus talentos, resolve se engajar numa “carreira” de casamenteira, pois ela se sente responsável pela união de sua governanta com o nobre cavalheiro, promovendo, entre eles, diversos encontros. E decide que vai persistir em sua jornada encontrando uma esposa adequada para o pastor do vilarejo, Sr. Elton.

Eis que surge em Hartfield, aluna do internato da Sra. Goddard, uma linda jovem chamada Harriet Smith, de origem praticamente desconhecida. E Emma fica encantada pela moça, e resolve que vai transformá-la em uma dama digna de se casar

com um homem da alta sociedade. Mas Harriet, que é muito simples e ingênua, havia passado um período numa fazenda chamada Abbey Mill, da família Martin, que era uma espécie de inquilino de um grande amigo da família de Emma, o Sr. Knightley. Ela se sentiu tão bem recebida e tratada pelos Martin que, assim que chega em Hartfield, seu encanto pela família ainda é muito grande, assim como sua admiração pelo jovem Robert Martin, e Emma vê pela frente um grande desafio, já que ela passa a imaginar possível a união de sua amiga com o Sr. Elton, uma situação que, em termos de posição social, beneficiaria a Srta. Smith, mas rebaixaria o pastor.

Enquanto isso, Harriet, que é bastante simples, de poucos conhecimentos e ingênua, recebe uma carta com um pedido de casamento do Sr. Robert Martin, por quem ela já é apaixonada desde o início, mas, convencida por Emma de que merece alguém melhor, recusa o pedido.

Emma e o Sr. Knightley são grandes amigos. John Knightley, seu irmão, é casado com Isabella, a irmã mais velha de Emma. E, embora tenham uma amizade bastante sólida, suas ideias e opiniões divergem em muitos momentos, pois Emma tem muita confiança de que está sempre certa, o que ocasiona muitas discussões entre eles, que nem sempre terminam bem. O Sr. Knightley é dezesseis anos mais velho que Emma, que tem apenas vinte e um anos, e tem mais consciência de como funciona a sociedade. E isto fica muito claro a partir do momento em que ele conta à Emma que Harriet Smith receberia uma proposta de casamento muito boa para ela, vinda do Sr. Robert Martin. E mais uma discussão se segue entre os dois, pois Emma já havia sido avisada desta proposta pela amiga e fizera com que ela recusasse o pedido.

Nossa protagonista deseja que a amiga se case com o Sr. Philip Elton, e faz o que pode, inventa planos, para que ele se interesse por Harriet. Mas acontece o oposto, e ele deseja muito se casar com Emma, que é surpreendida por sua declaração e o recusa, rapidamente. Neste momento, Harriet já se vê envolvida com a ideia de casar-se com o homem que a amiga julga ser o melhor, e sofre muito ao saber que ele tinha intenções para com Emma. Esse sofrimento perdura por um bom tempo.

O Sr. Elton, com seu orgulho ferido, ausenta-se por um período e viaja para Bath, uma cidade do sudoeste da Inglaterra.

E, então, temos a entrada de dois personagens fundamentais para a obra, a Srta. Jane Fairfax, sobrinha da falante Srta. Bates, e o Sr. Frank Churchill, filho do Sr. Weston, que fora criado pelos tios em Enscombe.

Jane Fairfax também fora criada por outra família, os Campbell. Na época deste romance, era muito comum que filhos fossem criados por parentes, que muitas vezes dispunham de melhores condições, especialmente financeiras, para assumir a tarefa. Emma e Jane conheceram-se ainda na infância. Apesar das Sra. e Srta. Bates serem mais humildes em termo de classe social em relação à família de Emma, o Sr. Woodhouse tinha muita estima pelas amigas. E Emma, apesar da amizade com Jane, passa a ficar um pouco enciumada com o retorno desta à Hartfield depois de tantos anos com outra família, uma vez que ela se mostra muito talentosa ao piano, linda e muito apreciada por todos que a recebem calorosamente.

O retorno de Frank, que é anunciado por ele mesmo em uma carta enviada à Sra. Weston, sua madrastra, também é aguardado com muita ansiedade, até mesmo por Emma, que passa a criar fantasias em sua cabeça a respeito dos aspectos físicos e temperamentais do rapaz. E, na verdade, quando Frank finalmente aparece, Emma empolga-se um bocado, pois ele é um rapaz muito bonito, educado e parece espirituoso como ela. Juntos, eles começam a fazer pequenas fofocas entre si e insinuações de pessoas que poderiam estar se relacionando em segredo (em especial, quando Jane ganha um piano de presente e ninguém sabe de quem é o presente tão especial).

Enquanto isso, regressa à Highbury o famoso Sr. Elton, com a notícia de que irá casar-se, o que acontece rapidamente. Sua esposa passa a ser a então Srta. Augusta Hawkins, vinda do condado de Maple Grove, e carregada de muito egocentrismo, arrogância e petulância. Falante como a Srta. Bates, mas no sentido contrário, já que a primeira se mostra sempre grata e empolgada com toda a ajuda e estima que recebe de seus vizinhos, a agora Sra. Elton dispensa boa parte do tempo falando de si mesma, e o quanto seus amigos a consideram a melhor em diversas frentes, como na organização de festas e eventos.

Uma vez estando todos os personagens principais em cena, quando acontecem muitos jantares e um baile muito especial, elaborado por Emma e Frank Churchill, vemos muitas especulações sobre quem estaria interessado em quem, o

que torna a leitura do livro ainda mais agradável e até, *ouso dizer*⁵, com passagens engraçadas, algo certamente característico da autora, que faz uma leve crítica disfarçada nesses momentos, pois a questão da compatibilidade social dos personagens é discutida inúmeras vezes.

Como mencionado no parágrafo anterior, acontece um baile, muito especial, numa hospedaria chamada Crown. Neste baile, que é seguido de um jantar, o Sr. e a Sra. Elton, apesar de tratarem os convidados e amigos com muita cordialidade, esnobam claramente Emma e sua amiga Harriet, o que acaba por fazer com que o Sr. Knightley desconfie que Emma realmente tentou fazer com que Harriet se casasse com o pastor. O Sr. Knightley, que antes do baile alegava não apreciar o ato de dançar, sensibiliza-se por Harriet Smith ao vê-la sozinha sem companhia, e a tira para dançar, deixando Emma (que dançava com Frank Churchill) muito feliz, mas nunca imaginou que aquele ato de seu amigo acabaria fazendo com que Harriet passasse a vê-lo com outros olhos.

Um dia, enquanto Harriet fazia um passeio com a amiga, a Srta. Bickerton, que também frequentava a casa da Sra. Goddard, elas acabam entrando num local da estrada onde havia alguns ciganos, que as atacam. A amiga consegue escapar, mas Harriet acaba caindo e fica para trás. Ela fica desesperada, claro, e Frank Churchill, que estava passando por perto, consegue salvá-la. Emma, que já havia se perguntado várias vezes se poderia estar apaixonada por Frank, ao tomar ciência dessa aventura, passa a imaginar a amiga casando-se com Frank, seu herói e salvador.

Alguns dias após este episódio, Harriet faz uma visita à Emma e decide, de uma vez por todas, que o Sr. Elton já foi esquecido, e queima alguns objetos que havia guardado como relíquias, como um pedaço de emplastro que um dia o clérigo havia manuseado por alguns momentos, o que Emma considerou muito exagero, com razão.

Nossos queridos personagens são convidados a passar um dia na propriedade do Sr. Knightley, onde ele tinha uma bela plantação de morangos, muito famosa por toda a região. Frank Churchill aparece já bem atrasado, e Jane Fairfax sai às escondidas de todos do passeio, mas encontra Emma pelo caminho, e pede que esta

⁵ *ouso dizer* são palavras mencionadas diversas vezes na obra, razão pela qual aqui foi feita uma pequena brincadeira, uma referência direta à obra.

não conte a ninguém sobre sua saída e, quando questionada, deveria dizer que ela precisava voltar para cuidar da tia. Neste dia, Emma vê seu amigo, Sr. Knightley, caminhar e conversar por um bom tempo com sua amiga, Harriet, mas nada diz a respeito.

No dia seguinte, o grupo segue para um passeio num lugar chamado Box Hill. Era um dia bom para um passeio, e o Sr. Weston organizou tudo. Mas, no decorrer deste passeio, ficou evidente que Frank Churchill e Emma haviam se tornado bons amigos, inclusive no que dizia respeito ao tratamento para com as outras pessoas. Ele fazia muitos galanteios a ela (em alguns momentos, o Sr. Knightley chega a desconfiar que o jovem poderia estar fazendo um jogo duplo), e Emma sempre ficava feliz e o incentivava. Em certo momento, quando Frank Churchill achou que o grupo estava muito silencioso e propôs um jogo, em que cada um deveria dizer três coisas “bobas”, que fizessem Emma rir, os Sr. e Sra. Elton se recusaram a participar e saíram. A Srta. Bates, que era sempre muito falante a respeito de tudo, acaba sendo ofendida por Emma depois que diz que dizer três coisas era um desafio, e Emma confirma dizendo que eram apenas três coisas bobas, ou seja, deixando claro que o excesso de comentários da amiga a incomodava, e que ela dizia muitas bobagens. E, por essa atitude, o Sr. Knightley repreendeu Emma seriamente, que deixou o local ao fim do passeio com lágrimas em seus olhos.

À essas alturas, temos uma situação bastante complexa na história, muito enriquecida com a vaidade de nossa protagonista, que se vê casamenteira e conhecedora dos sentimentos das pessoas próximas. A Sra. Elton a esnoba cada vez mais, enaltecendo suas próprias qualidades, soberba, exagerando em seus comentários, e decidida, agora, em conseguir um bom emprego para Jane Fairfax, que recusa diversas vezes essa ajuda.

Emma tentou se retratar com a Srta. Bates e a faz uma visita. Ela é bem recebida, porém, Jane Fairfax se esconde dela, pedindo à tia que diga que ela está doente. E assim, recusa qualquer ajuda de Emma nos dias seguintes, embora esta insista muito em ajudá-la.

A Sra. Churchill, que criara Frank, acaba falecendo. E, alguns dias depois, o Sr. Weston, às pressas, leva Emma até Randalls, sua residência, onde a Sra. Weston, urgentemente, deseja falar-lhe. E então, cheia de medo, ela conta à Emma que Frank

vai se casar com Jane Fairfax, e estava temerosa quanto à reação de Emma à notícia. E então, sua tão querida Emma a acalma, dizendo que nada sente por Frank, além de um sentimento sincero de amizade. É claro que o anúncio desse casamento deixa a própria Sra. Weston frustrada, pois todos, no seu íntimo, esperavam uma proposta de casamento para Emma, e não para Jane. Mas, depois de sua conversa com Emma, ela e o Sr. Weston se acalmam. E, neste período, o Sr. Knightley resolve partir para Londres e passar um tempo com seu irmão e sua cunhada, Isabella.

Emma, que à essas alturas estava imaginando o casamento de Frank com sua amiga Harriet, fica novamente numa situação delicada. Afinal, ela estimulara os sentimentos da amiga para com o Sr. Elton, e agora estava plantando novamente em seu coração um sentimento romântico, mas direcionado ao Sr. Frank Churchill. Mas resolve ir à casa de sua amiga, pois precisa contar sobre o casamento, de qualquer forma. Precisa tirar de Harriet esse novo sonho.

Ao chegar à casa da amiga e contar-lhe sobre o casamento, Emma é quem leva o susto. Harriet não se surpreende, não demonstra qualquer reação negativa, nenhum sinal de decepção em seu rosto. Emma nem desconfiava, mas as duas estavam imaginando para Harriet um parceiro diferente. Quando Frank salva Harriet dos ciganos, Emma imediatamente quer que se casem. E realmente admite para a amiga, à ocasião do ocorrido, que ele tinha sido um verdadeiro herói. Porém, o que Harriet havia considerado heroico foi o fato de o Sr. Knightley a tirar para dançar quando havia sido esnobada pelo Sr. Elton no baile da Hospedaria Crown, e queria conquistá-lo. Foi aí que Emma, chocada, percebeu que o que sentia pelo amigo era amor, e não conseguia suportar a ideia de ele se casar com outra mulher, que não fosse ela. Não disse nada sobre isso à amiga, apenas perguntou se ela tinha certeza de ser correspondida em seus sentimentos, ao que amiga confirma. Emma fica horrorizada e deprimida. Afinal, ela não conhecia nenhum homem que fosse mais honesto e centrado em suas decisões. Se Harriet sentia que ele correspondia aos seus sentimentos, ela não poderia duvidar. E percebeu o quanto deixou que a vaidade lhe cegasse e lhe deixasse arrogante, a ponto de achar que sabia do destino dos outros. Se sentiu muito mal quando pensou em quanto Jane Fairfax devia ter ficado perturbada com suas brincadeiras e galanteios de Frank Churchill, que estava apenas fazendo de tudo para que as pessoas não percebessem nada entre ele e Jane. E

resolveu procurar a moça e tentar, ao menos, retomar a amizade entre elas. E tudo ficou bem nesse sentido, pois elas conversaram e se perdoaram.

Pouco tempo depois, enquanto caminhava pelos jardins, avistou o Sr. Knightley caminhando em sua direção. É o momento mais marcante da história, mais bonito, inclusive, pois é nele que o Sr. Knightley revela à Emma que a amava, e que partira para Londres a fim de tentar esquecer esse amor. Mas escolhera o pior lugar possível, pois lá estava Isabella, que o fazia se lembrar de Emma o tempo todo. Após uma conversa com o irmão, que ainda considera a cunhada muito imatura para o irmão, mas aprova a união, ele decide voltar e se declarar a ela que, acreditando viver um sonho, aceita e corresponde ao amor daquele que tinha sido tão bom amigo por tantos anos. Apenas concordam em esperar um pouco para contar ao Sr. Woodhouse, pois ele era muito resistente à ideia do casamento, não queria perder a outra filha. Emma havia prometido a ele que jamais se casaria.

E lá vai Emma novamente desfazer o sonho de Harriet! Dessa vez, a amiga fica realmente mal, muito mal, e Emma conclui que o melhor que pode fazer é se afastar da amiga, ao menos por um tempo. E, nesse tempo, Harriet sai de Highbury e vai para Londres, e acaba por ficar com John e Isabella Knightley, ajudando-os por lá.

Frank Churchill escreve uma carta para a Sra. Weston, que convida Emma a ler também. Nela, Frank admite seus erros, conta que quase perdeu Jane, que chegou a aceitar o emprego que a Sra. Elton havia conseguido para ela, e que foi tomado pelo desespero, pois amava muito a moça. Por fim, acertaram-se, e a arrogante Sra. Elton acredita que Jane perdera uma grande oportunidade. Frank também espera ser desculpado por Emma, o que ela faz, é claro.

O novo medo de Emma passa a ser seu pai. Como contar a ele que a filha que prometera ficar com ele a vida toda iria se casar? O Sr. Knightley resolve que vai mudar-se para Hartfield, para que Emma possa continuar ao lado do pai e, por fim, depois de certa insistência no assunto, o Sr. Woodhouse consegue acreditar que ter o Sr. Knightley por perto não é de todo uma má ideia.

E, para o desfecho feliz desta história cheia de aventuras de um cupido desastrado, Emma recebe do amado Sr. Knightley a notícia de que Harriet aceitou casar-se com Robert Martin, que a amava desde o início desta história.

3.3 – As mulheres e o casamento ideal

“A vaidade trabalhando em uma mente fraca produz muitos tipos de danos.”

Este comentário, observado na contracapa do livro “Emma”, publicado pela editora Martin Claret (encontrado nas referências bibliográficas), já define bem uma característica forte, encontrada ao longo de toda a narrativa.

Como pudemos observar através do enredo, naquela época, entre os séculos XVIII e XIX, as questões de diferenças sociais e econômicas acabavam por direcionar a vida das pessoas, especialmente através do casamento. A autora Jane Austen nos mostra muito sobre o lado das famílias mais abastadas e um pouco de famílias mais simples. Deste segundo, exemplifiquemos as Sra. e Srta. Bates, que vivem de forma humilde e fazem parte do círculo de amizades das famílias Woodhouse, Knightley e Weston, principalmente.

E, a partir do momento que temos Harriet Smith, teoricamente ainda mais simples que as mulheres Bates, visto que tem sua origem exata desconhecida na história, as diferenças ficam ainda mais claras.

Desde o momento em que Emma decide tentar aproximar o Sr. Elton, que é um grande homem arrogante, de sua amiga Harriet, já podemos perceber que ali não haveria possibilidade nenhuma de união. O único motivo pelo qual o Sr. Elton demonstra certo interesse na Srta. Smith é o fato de ela ser a melhor amiga de Emma, seu verdadeiro interesse. Ou seja, ele deseja casar-se com uma mulher que não esteja abaixo de seu nível social. Mas Emma não percebe isso de início e acaba frustrando sua amiga, que passa a criar expectativas em relação ao pastor. Na verdade, podemos citar aqui um outro tema que se junta à questão do casamento, que é a vaidade. Enquanto Emma se empenha tanto em fazer Harriet parecer uma moça elegante, da alta sociedade, ela vai, aos poucos, aumentando as expectativas da amiga para com o futuro esposo e inflando seu ego, para que não aceite qualquer pessoa. E, enquanto esta trama se desenvolve, temos um outro lado parecido, com os personagens Jane Fairfax, sobrinha da humilde Srta. Bates, que se vê envolvida com Frank Churchill, mas cujo relacionamento não é revelado à princípio, pois a tia de Frank, a Sra. Churchill, não aceita este tipo de relação, onde Frank se casaria com

alguém de situação inferior à dele. E é muito sofrido para Jane Fairfax carregar este peso durante tanto tempo.

As mulheres de famílias mais abastadas, como a de Emma, eram incentivadas a ler, escrever, tocar algum instrumento musical (geralmente, piano), pintar, bordar, enfim, atividades relacionadas às artes que lhes proporcionava certo conhecimento de cultura. Isto pode ser considerado algo bom, apesar de a ideia de todo esse investimento ter a finalidade de proporcionar à mulher um bom pretendente para casar-se, o que não deixa de ser uma forma de imposição às mulheres, mas ao menos lhes proporcionava algum conhecimento e até certo divertimento.

No mundo em que vivemos hoje, por exemplo, as mulheres são mais independentes, e podem (também devem) adquirir conhecimento para seu próprio crescimento pessoal e profissional, não existe necessariamente a dependência do marido. Entretanto, essa visão mais romântica, onde a mulher tem certo conhecimento, mas sonha com um homem ideal, um casamento estável, não deve ser de todo desprezada. Sonhar pode ser bom, e o casamento não precisa ser uma prisão, onde a mulher é oprimida pelo homem e o machismo fala mais alto. Esta situação, inclusive, infelizmente, pode ser encontrada nos dias de hoje, em muitos países, especialmente na Ásia. A mulher ainda é submissa ao homem em muitos lugares, onde a mentalidade machista ainda não evoluiu no mesmo ritmo do crescimento desenfreado da tecnologia. Em continentes como as Américas, podemos encontrar muita liberdade e ainda assim muita luta feminina para ter os mesmos direitos dos homens, o que é louvável. Porém, a característica mais marcante daquela forma romântica de ser é o fato de a mulher conservar sua feminilidade, o que parece estar diminuindo um pouco atualmente. A mulher era vista realmente como o sexo frágil, que precisava ser protegida a todo momento. Há vários exemplos no decorrer do livro que citam, por exemplo, a saúde aparentemente frágil da Srta. Jane Fairfax e a necessidade de protegê-la constantemente, até mesmo demonstrada pelo Sr. Knightley, que é o personagem mais sério e centrado desta história. E Emma é muito julgada por ele que, apesar de fazer um pouco de propósito a fim de provocá-la, chama-lhe algumas vezes a atenção pelos erros que ela comete ao tentar juntar casais que não tem chance, no seu modo de ver, mais de acordo com o pensamento da época. Vale ressaltar que o primeiro erro que ele aponta em Emma foi o fato de ela encorajar a amiga Harriet Smith a recusar o pedido de casamento do Sr. Robert

Martin, que realmente a amava e estava, inclusive, mais compatível com ela em termos de classe social, visto que ele era fazendeiro, havia arrendado parte das terras do Sr. Knightley e não fazia parte do círculo de amizade comum das famílias locais.

Como dito logo no início deste item de discussão, a vaidade, dependendo da pessoa, provoca vários tipos de danos. No caso da personagem Harriet Smith, podemos dizer que é o caso mais chocante, embora existam outros. Mas, querendo transformar Harriet em alguém que ela não é em sua essência, Emma tenta provar sua própria capacidade de realizar tal transformação. E alimenta de forma tão eloquente as expectativas da amiga que, quando esta conclui que a melhor pessoa com quem poderia ficar seria o Sr. Knightley, o coração de Emma é instantaneamente atingido, e ela percebe que o ama. E, por mais que considere muito a amiga, ela não poderia aceitar que esta se casasse com seu melhor amigo. Emma, afinal, aprende com seus erros e, é claro, a história acaba tendo seu final feliz, mas há muita confusão até chegarmos nesse desfecho. A mulher não precisa ter no casamento o único caminho para ser feliz mas, por vezes, ser consciente de si, com uma dose de vaidade saudável, ou seja, amar-se por quem é, mas sem aumentar demais as expectativas, é mais garantia de bem estar e melhor convívio com a sociedade, que está sempre mudando e exigindo cada vez mais de seus próprios membros.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta bela obra de Jane Austen, *Emma*, sem dúvida, traz algumas das características mais marcantes da autora: crítica e ironia. Embora a questão do casamento, atrelada à ascensão ou declínio social, tenha sido uma realidade da época, é muito importante notar que Jane escreveu uma história com muito bom humor, onde a personagem central, membro da aristocracia, se considera qualificada para atuar como cupido, o que acaba sendo um desastre por um bom período do enredo, mas que termina aprendendo com seus erros, uma forte característica das heroínas de Jane.

Elevar ou rebaixar uma pessoa de nível social pelo casamento soa um bocado arcaico para quem vive em pleno século XXI, onde a mulher se vê muito mais livre

para poder dedicar-se às artes, por exemplo, sem a intenção de realizar um bom casamento com isso, o que era estimulado na época (embora a liberdade feminina ainda seja um sonho distante em países que ainda estão “parados no tempo”). E Jane Austen fica muito à vontade para fazer suas críticas sutis aos costumes da época, como faz nos demais romances.

A vaidade, explícita ao longo da obra, acaba por conduzir muitas das atitudes de Emma, que influencia diretamente sua amiga Harriet Smith, que passa a idealizar um casamento perfeito com membros de classe, visto que ela considerada de baixo nível, devido ao fato de não ter sua origem clara, embora apareça seu pai, ao final da história, mas sem grandes explicações. A intenção de Emma era justamente que Harriet desejasse alguém que estivesse no nível em que ela considerava estar sua amiga, mas isso faz com que tudo vire uma verdadeira bagunça, com direito à muitas fofocas. Mais uma obra especial de Jane Austen, para entreter, mas também criticar através do bom humor.

5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTEN, Jane. **EMMA**. Tradução e Notas de Adrina Sales Zardini. 2018, São Paulo, Martin Claret. (obra original publicada no ano de 1815)

BYRNE, Paula. **A VERDADEIRA JANE AUSTEN – UMA BIOGRAFIA ÍNTIMA**. 2018, Porto Alegre, Editora L&PM.

LIMA, José Maria Maciel. **O ROMANTISMO INGLÊS E SEUS PRECURSORES**. Disponível em <webartigos.com/artigos/o-romantismo-ingles-e-seus-precursos/139499>. Acessado em 14/09/2019.

FRAZÃO, Dilva. **BIOGRAFIA DE JANE AUSTEN**. Disponível em <ebiografia.com/jane_austen/>. Acessado em 23/08/2019.

MOREIRA, Isabela. **CIENTISTAS ACREDITAM QUE JANE AUSTEN MORREU ENVENENADA POR ARSÊNICO**. Artigo da revista Galileu, publicado em 14/03/2017. Disponível em <<https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2017/03/cientistas->

acreditam-que-jane-austen-morreu-envenenada-por-arsenico.html>. Acessado em 24/09/2019.

PENSADOR. **BIOGRAFIA DE JANE AUSTEN.** Disponível em <pensador.com/autor/jane_austen/biografia>. Acessado em 14/09/2019.

SILVA, Alexander Meireles da. **LITERATURA INGLESA PARA BRASILEIROS.** 2ª. Edição Revisada, 2006. Rio de Janeiro, Editora Ciência Moderna.

O LIVRO DA LITERATURA. 2016, Editora Globo.